

Novembro/2011

Direção do sindicato (CUT-CTB) confisca salário do bancário e cassa com imposições burocráticas o direito da base de se opor ao desconto assistencial!

No dia 9 de agosto, bem antes mesmo de termos o resultado de nossa campanha salarial, a burocracia governista do sindicato (CUT/CTB) realizou uma assembleia geral "fantasma", totalmente esvaziada que contou com a participação de uns 30 bancários, que em sua esmagadora maioria era de diretores do sindicato. Não houve qualquer convocação real na base, pois de sua convocatória, perdida nas páginas internas do Tribuna Bancária, sequer a base tomou conhecimento.

O MOB estava presente nessa assembleia "fantasma" e denunciou o seu caráter golpista e antidemocrático contra a base da categoria. Defendemos a realização de uma nova assembleia, democrática e amplamente convocada na base, mas a proposta foi derrotada pelos diretores do sindicato.

Mais uma vez esta direção corrupta e antidemocrática desrespeitou a base a quem diz representar e, na maior cara-de-pau, aprovou,

apesar dos protestos da Oposição Bancária, "garfar" o bolso do bancário sindicalizado em 1% do salário bruto e do não sindicalizado em 2%.

Após 21 dias de greve nacional, a burocracia governista vendeu nossa luta aos banqueiros e ao governo Dilma, aceitando uma

despesas com a campanha salarial que não se presta conta, a direção do sindicato, sem qualquer constrangimento, e numa clara demonstração de que se encontra divorciada dos reais interesses da categoria, resolveu incrementar seu arsenal de manobras e imposições burocráticas para cassar o direito da base de se opor ao desconto assistencial.

Por isso, adotaram algumas medidas preventivas para dificultar e até impedir a manifestação contrária da base ao desconto como a de que o bancário tem que ir pessoalmente à entidade para preencher o formulário específico do sindicato no horário em que a maioria está trabalhando (8 às 17h). Ou mesmo para aqueles que trabalham no interior as exigências são ainda mais criminosas: deverão entrar em contato com o Sindicato para emissão do formulário próprio, que deverá ser assinado, reconhecido firma e enviado pelo correio com postagem dentro do prazo estabelecido de oposição, até 07/11. Sabemos que o objetivo deles é impedir,



miserável proposta de 9% que é irrisória frente às nossas necessidades e aos lucros patronais. Não contente em sabotar e derrotar nossa mobilização, ainda assalta nosso bolso, sem a autorização e presença da base.

Por ser uma arrecadação milionária para supostamente cobrir

dificultar o máximo, tentando desestimular burocraticamente a base de se opor ao desconto.

Tudo isso é mais um absurdo de uma direção sindical (CUT/CTB) que age como uma máfia sindical governista para meter a mão no bolso dos bancários. Afinal, a própria “assembleia” que aprovou esse desconto foi totalmente esvaziada, sem a presença e convocação da base,

contando basicamente só com diretores sindicais. Como se não bastasse a realização de assembleias “fantasmas”, a direção do sindicato sequer presta contas, de forma transparente, de suas despesas e receitas regulares a exemplo das mensalidades dos sindicalizados, do imposto sindical milionário que eles não devolvem para a base, das receitas do departamento jurídico da

entidade e do próprio desconto assistencial.

Uma direção realmente de luta e combativa tem naturalmente a confiança e o apoio político e financeiro de sua base, sem qualquer necessidade de se valer das imposições do Estado (artigo 513, alínea “e” da CLT) ou de manobras casuísticas para impedir a base de exercer seu direito de recusar o desconto assistencial.

Fortaleça a campanha do MOB pelo não desconto assistencial e ajude a construir um pólo classista de oposição!

O desconto assistencial é uma contribuição facultativa, cobrada de todos os bancários, mas que tem servido para irrigar e alavancar financeiramente uma burocracia sindical, totalmente corrompida política e materialmente, que tem sido responsável por nossas seguidas derrotas nas campanhas salariais.

Não é a toa que nos últimos anos essa questão do desconto assistencial tenha adquirido quase um caráter plebiscitário sobre a aprovação ou não da condução das direções sindicais na campanha salarial e seus pífios resultados.

A crescente oposição da base ao desconto assistencial, particularmente nos bancos públicos, reflete o grau de sua desconfiança contra a burocracia sindical governista que tem sabotado nossas campanhas salariais. Afinal, apesar das greves heróicas toda a disposição de luta dos bancários esbarra na política de colaboração de classes da quadrilha sindical governista da CUT/CTB, totalmente domesticada aos banqueiros e ao governo Dilma: subordinação dos interesses da categoria aos interesses eleitorais e partidários da camarilha governista, rebaixamento da pauta, abandono da luta pelas perdas salariais em troca de “pirulitos” como abonos e

PLRs, assembleias antidemocráticas e votações separadas por banco, farsa da mesa “única” da Fenaban para blindar o governo, acordos pífios como este último de 9%, mesas específicas de enrolação, etc.

O objetivo dessa quadrilha sindical é impedir a base de exercer seu direito de protestar contra uma direção que transformou o sindicato num grande negócio, a serviço dos banqueiros e do governo. É preciso denunciar e repudiar essa prática de máfia sindical que não age de forma transparente nem democrática, e trata o bancário com desprezo e desrespeito.

Devemos nos opor à forma como este desconto está sendo empurrado goela abaixo da categoria. Por isso, o Movimento de Oposição Bancária (MOB) chama todo ativista, delegado sindical e militante a engrossar nossa campanha pelo não desconto assistencial como uma maneira de protestar contra a falta de democracia, transparência e respeito à base, imposta pela truculência da burocracia governista de plantão. Contra essa política de maracutaiá e imposições burocráticas dessa máfia sindical, é necessário organizar e fortalecer um núcleo de oposição classista, consciente de sua urgente tarefa de derrotar a quadrilha governista da CUT/CTB.

*“Na primeira noite eles se aproximam / e roubam uma flor / do nosso jardim.
E não dizemos nada. / Na segunda noite, já não se escondem;
pisam as flores, / matam nosso cão, / e não dizemos nada.
Até que um dia, / o mais frágil deles / entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz, e, / conhecendo nosso medo, / arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada.” (Maiakovski)*